

# COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

A experiência do Grupo  TermiSul

## Organização

Cleci Regina Bevilacqua  
Denise Regina de Sales  
Márcia Moura da Silva  
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard  
Sandra Dias Loguercio

editora  


# COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

Porto Alegre • 2023 • 1ª edição

## Organização

Cleci Regina Bevilacqua  
Denise Regina de Sales  
Márcia Moura da Silva  
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard  
Sandra Dias Loguercio

editora

ZO  
UK

2023 © Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura da  
Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Cristiane Krause Kilian

Revisão técnica: Silvana de Fátima Bojanoski

Design da capa: Mateus Moura Godinho

**Dados Internacionais de Catalogação na  
Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

C735

Como elaborar um dicionário especializado? [recurso eletrônico] /  
organizado por Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura  
da Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio - Porto  
Alegre, RS : Zouk, 2023.

137 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-119-7 (Ebook)

1. Dicionário. I. Bevilacqua, Cleci Regina. II. Sales, Denise Regina de. III.  
Silva, Márcia Moura da. IV. Título.

2023-????

CDD 403

CDU 403

direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

[www.editorazouk.com.br](http://www.editorazouk.com.br)

## Capítulo 2 – As decisões prévias

Cristiane Krause Kilian  
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard

A elaboração de um produto terminográfico – glossário, dicionário, base de dados – requer do terminólogo uma série de decisões prévias. Como vimos no capítulo anterior, tais decisões dizem respeito tanto às bases teóricas da elaboração do produto – a(s) corrente(s) da Terminologia que vão sustentar as escolhas do terminólogo – quanto aos seus aspectos práticos, ou seja, ao tipo de produto terminográfico que ele deseja oferecer ao seu público-alvo considerando suas necessidades.

Um glossário que pretenda ser prescritivo, por exemplo, vai buscar sustentação na Teoria Geral da Terminologia (TGT), pois sua intenção é indicar “como devem ser” os termos de uma determinada área<sup>1</sup>, ao passo que a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) poderá nortear um produto que objetive apenas registrar “como são usados” os termos<sup>2</sup>. Neste último, entre outros aspectos, a microestrutura incluirá um campo para a variação terminológica – denominativa ou conceitual –, ao passo que, no primeiro, a prescrição limitará o escopo do produto a um único termo para cada conceito, sem levar em conta os aspectos comunicativos.

As decisões prévias abrangem vários aspectos e podem ser agrupadas em quatro grandes grupos: **conteúdo** (área e temática), **objetivos** (finalidade, usuários, *corpus* de coleta e tipo de produto), **equipe de trabalho** (profissionais envolvidos) e **recursos** (financeiros, programas e ferramentas informáticas, bases de dados). Detalharemos a seguir cada um deles.

---

1 Os dicionários produzidos pelas Academias de Letras têm esse caráter, ao indicar a norma que a comunidade deve aceitar.

2 A título de ilustração, ver a base da **Linguagem do Patrimônio Cultural Brasileiro: Conservação dos Bens Culturais Móveis (Base Papel)**, que está disponível em <http://www.ufrgs.br/terminul/papel/>.

## Conteúdo: área e temática

A escolha de uma área para a elaboração de um produto terminográfico exige, antes de mais nada, uma análise da bibliografia existente a fim de verificar a necessidade real de sua produção, que pode ser atestada pela inexistência ou pelo esgotamento de obra semelhante, ou pela limitação ou antiguidade dos produtos em circulação. Assim como áreas já consolidadas demandam atualizações periódicas, também as novas carecem, muitas vezes, de um levantamento terminológico que possa auxiliar sua estabilização. Escolhida a área, é preciso verificar sua conformação, que pode ser representada:

- a. por seu caráter interdisciplinar: por exemplo, um estudo na área da Educação certamente abrangerá intersecções com a Psicologia e a História, que contribuirão com sua própria terminologia para o conjunto global dos termos elencados;
- b. pelas influências linguísticas ou culturais que ela sofre: uma área incipiente, como era a informática em meados do século XX, no Brasil, recebeu um grande aporte linguístico do inglês, via estrangeirismos, e isso teve consequências terminológicas; do mesmo modo, alguns países são mais desenvolvidos do que outros em determinados campos e contribuem, conseqüentemente, com mais material bibliográfico, caso das pesquisas brasileiras sobre doenças tropicais<sup>3</sup>;
- c. pela documentação tanto institucional quanto administrativa e acadêmica, além de sua disponibilização: em alguns países, a pesquisa é bastante desenvolvida, mas o acesso à produção textual é apenas físico, disponibilizado em bibliotecas, e não é gratuito;
- d. pela influência das diretrizes internacionais sobre a área: muitas organizações internacionais, como a ONU, são guardiãs de documentos

---

<sup>3</sup> A esse respeito, ver, por exemplo, <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/23/brasil-tem-potencial-para-pesquisa-de-ponta-em-saude-mundial-aponta-debate>. Acesso em: 14 out. 2021.

- referenciais em algumas línguas, o que pode influir na produção de conhecimento dos demais países membros<sup>4</sup>;
- e. por suas particularidades: por vezes, uma única cultura é detentora de determinado saber ou prática e, sobre eles, tem uma terminologia estabelecida<sup>5</sup>;
  - f. pela estabilidade conceitual e terminológica (ou não) da área na(s) língua(s) do levantamento terminológico em questão.

Para melhor compreender a estrutura de uma área, é útil elaborar modelos de organização, como árvores de domínio, mapas conceituais ou fluxogramas<sup>6</sup>.

Uma árvore de domínio representa as relações existentes entre os conceitos, apresentando sua hierarquia e seus termos-chave, que podem, por sua vez, desdobrar-se em outros termos. Trata-se de um passo importante na metodologia do trabalho terminológico, visto que a árvore auxilia na confirmação posterior do pertencimento dos candidatos à área estudada. A figura 2.1 o exemplifica com a árvore de domínio do licenciamento ambiental brasileiro, proposta por Chichorro (2016)<sup>7</sup>:

---

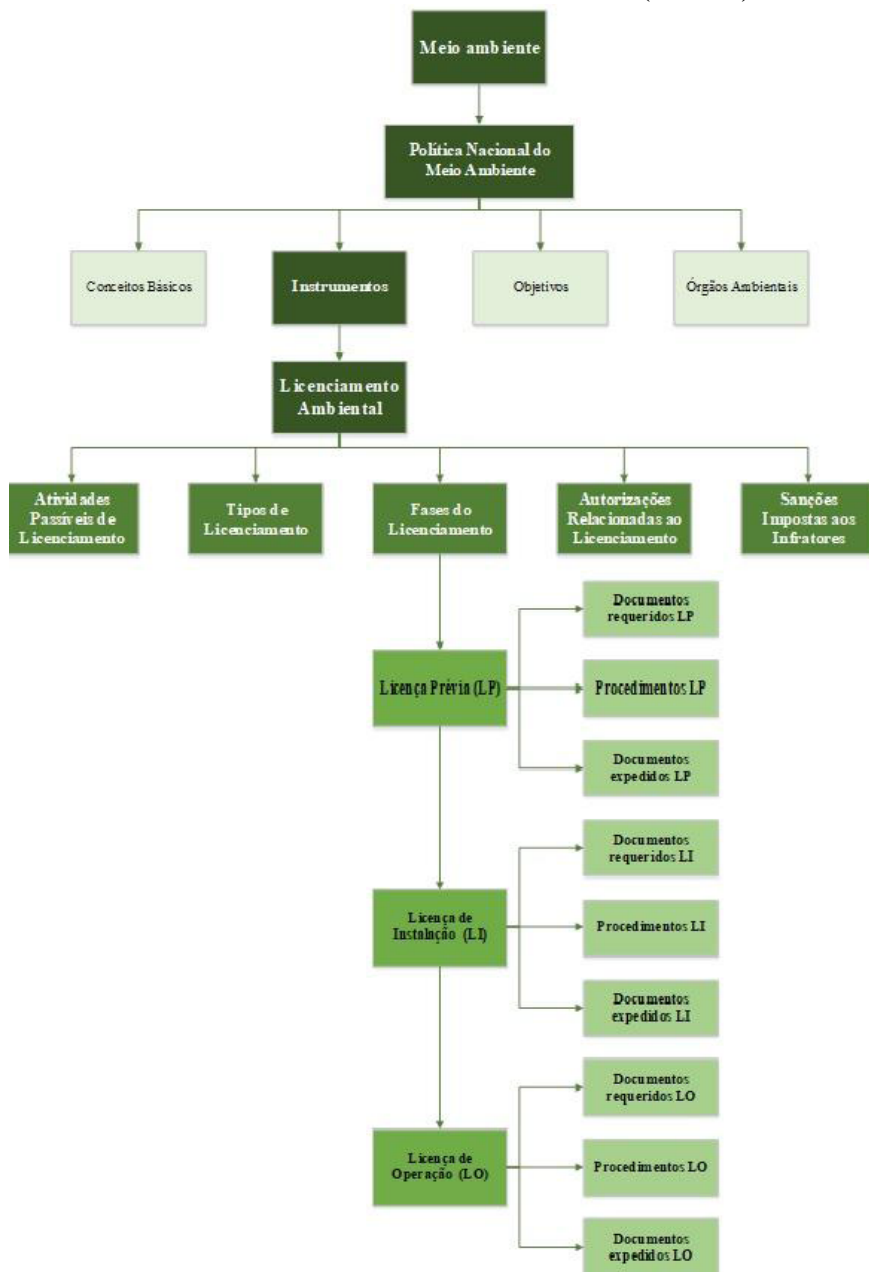
4 As línguas oficiais na ONU são o inglês, o francês, o mandarim, o espanhol, o árabe e o russo.

5 Isso pode ser observado na terminologia do patrimônio imaterial: cada cultura tem práticas culturais específicas, que se consolidam em um vocabulário não compartilhado com outras comunidades. A título de exemplo, veja-se o Bará do Mercado Público de Porto Alegre: <http://www.ipatrimonio.org/porto-alegre-mercado-publico-central/>. Acesso em: 14 out. 2021.

6 Existem programas que auxiliam na elaboração desses modelos. Entre eles, CMap Tools: <https://cmap.ihmc.us/>, Mindup: <https://www.mindmup.com/> e TheBrain: <https://www.thebrain.com/>

7 Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143111?locale-attribute=en>. Acesso em: 27 fev. 2022.

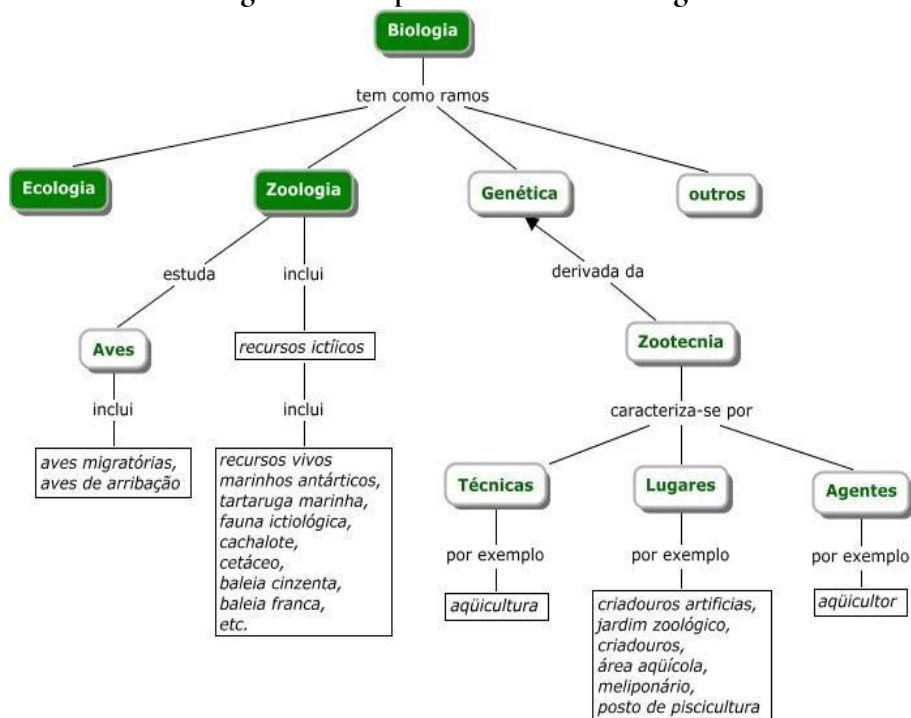
Figura 2.1: Árvore de domínio do Licenciamento Ambiental Brasileiro (recorte)



Fonte: Chichorro, 2016, p. 27.

Com o intuito de abordar de modo sistemático uma área de estudo, também o **mapa conceitual** pode se revelar de grande utilidade. Trata-se de “representações gráficas em forma de diagrama em que os termos referentes aos conceitos ocupam polígonos ou círculos ligados por vetores que identificam seus inter-relacionamentos” (Bevilacqua *et al.*, 2009, p. 817). O mapa permite distinguir os termos da área e suas relações com os termos conexos a ela. Observe-se, a título de ilustração, o mapa conceitual da Biologia, elaborado pelo Grupo Termisul<sup>8</sup>:

Figura 2.2: Mapa conceitual da Biologia



Fonte: Grupo Termisul.

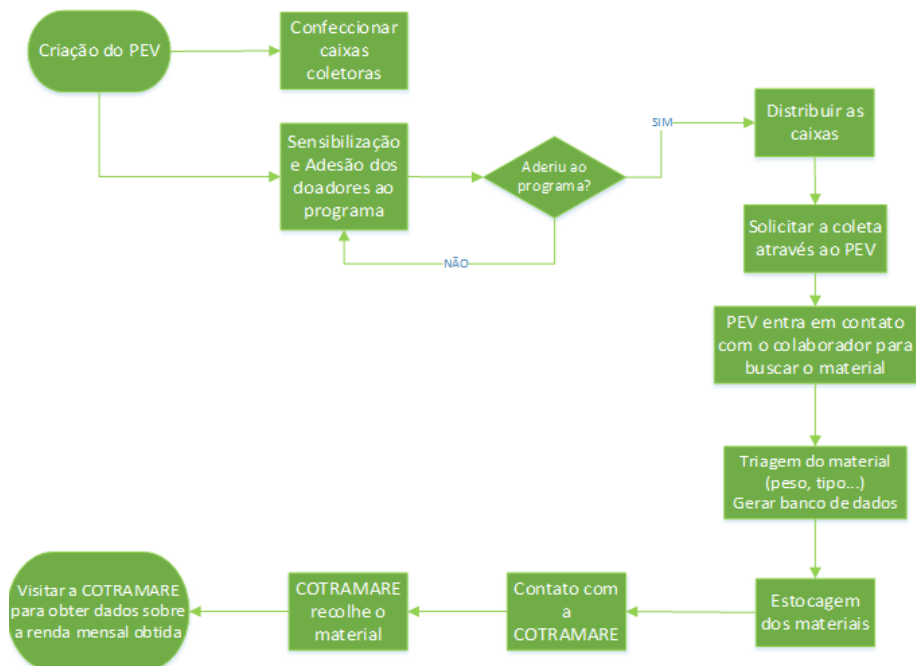
Por fim, também é possível produzir fluxogramas, que indicam passos a serem seguidos, sobretudo quando a área envolve procedimentos de

8 Disponível em <http://www.ufrgs.br/termisul/mapasConceituais.php>.



trabalho. A título de ilustração, segue o fluxograma de procedimentos de coleta de resíduos da Universidade Federal de Campina Grande:

**Figura 2.3: Fluxograma de procedimentos de coleta**



Fonte: Laboratório de Tecnologias Agroambientais.<sup>9</sup>

A partir dessas informações e da distribuição da área, o terminólogo poderá proceder ao recorte da **temática** para definir o produto terminológico.

Por exemplo, a área do Meio Ambiente pode dividir-se em várias subáreas – Engenharia Ambiental, Ecologia, Direito Ambiental, Desenvolvimento Sustentável, Políticas Públicas, entre muitas outras – que, por sua vez, podem desdobrar-se em incontáveis temáticas, como o

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.ltablocobx.com.br/2018/09/fluxograma-do-procedimento-de-coleta.html>. Acesso em: 14 out. 2021.

licenciamento ambiental<sup>10</sup>, o direito dos tratados internacionais do meio ambiente<sup>11</sup> e a gestão ambiental<sup>12</sup>.

A temática escolhida dependerá, igualmente, do grau de especialização do usuário pretendido (ver a seção “Equipe de trabalho: profissionais envolvidos” mais abaixo) e da perspectiva de tratamento do tema. Por exemplo, um dicionário sobre o meio ambiente pode, entre outras possibilidades, abordar tanto os aspectos legais da área, apresentando os termos da legislação atinente, quanto a terminologia ambiental propriamente dita, oferecendo termos de áreas como Botânica e Zoologia.

A coleta de todas essas informações sobre a área e sua estruturação, bem como a temática do produto terminográfico almejado, fundamentarão as escolhas futuras do terminólogo: a finalidade, o usuário, o tipo da obra e o *corpus* de coleta. É o que veremos a seguir.

### **Objetivos: finalidade, usuários, *corpus* de coleta e tipo de produto**

Uma série de questionamentos deve ser feita previamente pelo terminólogo a fim de circunscrever a finalidade da obra terminográfica que pretende elaborar. Eles podem ser resumidos pelas seguintes perguntas: para quê e por quê? Para quem? Que tipo de produto?

Primeiramente, é necessário decidir a **função** e a **razão de ser** desse produto: ele auxiliará no estabelecimento de uma nova área ou na consolidação de uma área preexistente? Em outras palavras, buscará sanar uma carência terminológica, apresentando, por exemplo, um glossário em uma área emergente para auxiliar aprendizes, como estudantes de graduação? Ou será um glossário com equivalentes em várias línguas, direcionado a tradutores? Uma ilustração disso é o glossário dos bens culturais móveis, produzido pelo grupo de pesquisa Termisul<sup>13</sup>, que vem preencher uma la-

---

10 Ver, por exemplo, Chichorro (2016).

11 Ver, por exemplo, Krieger *et al.* (2004).

12 Ver, por exemplo, Krieger *et al.* (2006).

13 A linguagem do patrimônio cultural brasileiro: conservação dos bens culturais móveis. Disponível em <http://www.ufrgs.br/termisul/papel/index.php>. Acesso em: 27 fev. 2022.

cuna em português e auxiliar os tradutores ou redatores em línguas estrangeiras ao oferecer equivalentes em várias línguas. Conforme a função escolhida pelo terminólogo, a apresentação dos termos ou das fraseologias da área demandará soluções distintas.

Em segundo lugar, importa definir os **usuários** preferenciais da obra terminográfica, visto que cada usuário tem necessidades diferentes de consulta: redatores técnicos, tradutores, assessores linguísticos, pesquisadores, aprendizes. Isso se faz necessário porque as demandas variam conforme os consulentes; por exemplo, um tradutor nem sempre precisa do campo classe gramatical, ao passo que uma definição terminológica, mesmo sucinta, lhe é muito útil para compreender um termo em seu contexto de uso; um glossário para especialistas pode prescindir, conforme o caso, do campo definição, enquanto esse campo é primordial para aprendizes de uma área. Mais uma vez, portanto, o terminólogo deverá responder a que usuário se destina a obra, especialista ou não especialista. No caso do primeiro, deverá avaliar quais informações são pertinentes para ele, de modo a não oferecer nem informação em excesso, subestimando seus conhecimentos, nem informação insuficiente, abstraindo suas necessidades; no caso do não especialista, a qualidade das informações fornecidas pode fazer a diferença na remediação de suas lacunas de conhecimento. As respostas a tais perguntas levarão a escolhas distintas referentes à quantidade de informações fornecidas ou aos campos do glossário ou da base de dados.

Outra decisão prévia diz respeito ao **tipo** de obra terminográfica. Glossário, dicionário ou base de dados podem apresentar-se de diferentes formas conforme o público preferencial a que se destinam: impressos ou virtuais, podem ser monolíngues, bi ou trilingues, multilingues, ou monolíngues com equivalentes em uma ou mais línguas<sup>14</sup>. A caracterização de cada tipo de obra foi apresentada no capítulo 1.

Uma vez delimitadas a área e a temática e as características do produto final, assim como seus usuários, procede-se à construção do *corpus*

---

14 Ver, por exemplo, Krieger, 2006. 127 p.; ver também a base de dados *Combinatórias léxicas especializadas da linguagem legal*, disponível em: <http://www.ufrgs.br/terminul/cles/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

que servirá de fonte de levantamento dos termos da área. *Corpus* é um conjunto de textos autênticos, representativos da variedade ou do uso linguístico que se pretende estudar, selecionados segundo critérios linguísticos e sistematizados de tal forma que possam ser processados por computador. As características de um *corpus* podem variar muito<sup>15</sup>, mas importa que o *corpus* construído seja compatível com os objetivos da pesquisa. Poderá ser **comparável**, com textos semelhantes nas línguas envolvidas, ou **paralelo**, ou seja, com textos em dada língua e suas traduções; monolíngue, que oferece a terminologia em uma única língua, ou multilíngue, em língua de partida e língua(s) estrangeira(s). Essa construção vai requerer uma metodologia e critérios de coleta preestabelecidos pelo terminólogo. Por exemplo, em um glossário para especialistas, cabe recolher gêneros textuais acadêmicos, ao passo que um dicionário para amadores de futebol poderá reunir diferentes gêneros jornalísticos, escritos e orais.

Na esteira de Cabré (1993, p. 298-299), defendemos que o *corpus* deve ser pertinente, isto é, representativo da área e, se possível, redigido por um autor qualificado; completo, incluindo todos os aspectos relacionados ao tema de trabalho; atualizado, de modo que a terminologia recolhida reflita a realidade linguística presente no âmbito em questão; e original, quer dizer, escrito por especialistas em sua língua materna, não traduzido.

### **Equipe de trabalho: profissionais envolvidos**

Uma avaliação ingênua poderia levar a pensar que, para elaborar um produto terminográfico, basta que o terminólogo disponha de conhecimentos teóricos sobre Terminologia e Terminografia e um certo domínio da área que pretende repertoriar. De fato, o conjunto desses conhecimentos pode ser o bastante para dar o pontapé inicial no trabalho, mas logo se revelará insuficiente para suprir as lacunas que surgirão ao longo do levantamento terminológico no que diz respeito ao conteúdo. Essas lacunas ocorrem sobretudo em situações de flutuação das denominações, como se

---

15 Para mais detalhes sobre as propriedades de *corpora*, ver Berber Sardinha (2004).

pode ver no exemplo seguinte: na área da conservação do patrimônio dos bens em papel, empregam-se as unidades sintagmáticas *degradação do papel* e *deterioração do papel* como sinônimos. No entanto, quando empregadas conjuntamente, têm significados distintos<sup>16</sup>, só perceptíveis pelo especialista da área. Isso significa que um levantamento terminológico confiável não pode prescindir da presença de um especialista na área em questão, que poderá contribuir com seu conhecimento aprofundado para dirimir as dúvidas que surgirão ao longo do processo, tais como imprecisões ou flutuações conceituais e variação conceitual ou denominativa.

Por essa razão, uma **equipe** bem formada requer não só a presença de terminólogos e pesquisadores da linguagem, mas também a contribuição de um ou mais especialistas da área de pesquisa. Cabe ainda avaliar a pertinência de um projeto interinstitucional, que pode contribuir com diferentes olhares para o mesmo objeto, sem se esquecer dos especialistas em informática e dos estudantes bolsistas de iniciação científica, cuja atuação é imprescindível para as pesquisas acadêmicas.

## Recursos informáticos e financeiros

Um trabalho terminológico que se pretenda fiável deve se apoiar também em dois aspectos: a capacidade analítica do terminólogo – responsável pela organização do *corpus* de trabalho, pela metodologia empregada e pela etapa de análise dos resultados – e o levantamento de dados. Para isso, ele pode se servir de uma série de **recursos informáticos** que permitam a investigação linguística de um *corpus* e a extração de candidatos a termo ou UFEs, assim como informações que analisará posteriormente. A cada dia, novas ferramentas são criadas. Apenas a título de ilustração, apresentamos sucintamente a seguir o programa *Sketch Engine*, que oferece um conjunto de ferramentas para análise linguística e que, por ser gratuito por um período de tempo, pode ser empregado por qualquer pesquisador,

---

16 Segundo Bojanoski (2018), o processo de degradação é químico e é causado por acidez, hidrólise ácida ou oxidação, da tinta ou do papel, ao passo que o processo de deterioração é físico e é causado por agentes externos, forças físicas, roubo e vandalismo, fogo, água, pragas, poluentes, luz, temperatura e umidade incorretas e dissociação.

mesmo sem recursos financeiros para a pesquisa (para mais detalhes, ver a seção “Programas de extração” do Capítulo 3).

\* *Corpus* que serve de comparação para o *corpus* de estudo e normalmente deve ter três a cinco vezes o seu tamanho (Tagnin, 2011).

\* *Corpus* no qual se baseia a pesquisa a ser desenvolvida pelo pesquisador (Tagnin, 2011).

O gerenciador de *corpus* e de análise textual *Sketch Engine*, criado por Adam Kilgarriff e Pavel Rychly e desenvolvido pela *Lexical Computing Ltd*<sup>17</sup>, oferece, em uma plataforma virtual, uma quantidade expressiva de ferramentas: **corpus de referência\***, com quase cem línguas, que permite o contraste entre o **corpus de estudo\*** e um *corpus* de língua geral (ou referência) ou de uma área específica; *WordList* (lista de palavras que compõem o *corpus*, sua posição e frequência); *Collocates* (listas de palavras que coocorrem com determinada palavra); *KeyWords* (lista de palavras-chave: *single words* e *multi-words*); *Concord* (possibilita a geração dos contextos a partir da busca de uma palavra ou parte dela – radical ou desinência); e *Cluster* (permite a geração de expressões multipalavras a partir de uma palavra-chave de busca)<sup>18</sup>.

As ferramentas dos diferentes programas se assemelham em muitos aspectos, mas diferenciam-se principalmente pelos recursos avançados de cada uma delas, que serão empregados ou não conforme o direcionamento da pesquisa. Vale destacar que os dados são extraídos a partir de escolhas feitas pelo pesquisador, que deverá oportunamente avaliar o material coletado. Em outras palavras, o pesquisador estabelece o que buscar e direciona a extração de dados, e as ferramentas escolhidas oferecem resultados que devem ser analisados, em um processo de retroalimentação.

Por fim, não se pode negligenciar a necessidade de **recursos financeiros**, considerando que verbas implicam tanto a escolha entre um programa pago (com um número maior de ferramentas disponíveis) e um programa gratuito ou apenas na versão “demo”, quanto a contratação de profissionais de informática, essenciais para a elaboração e o acompanhamento de bases de dados.

17 Disponível em: <https://www.sketchengine.eu/>.

18 Para uma análise detalhada do programa *Sketch Engine*, recomendamos Fromm *et al.*, 2020.

## ATIVIDADES: Pensando nas decisões prévias

Visite páginas como:

<https://www.congressonacional.leg.br/legislacao-e-publicacoes/glossario-legislativo>

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/search/search?query=gloss%C3%A1rio>

[https://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/index\\_lex-voc.html](https://www.oqlf.gouv.qc.ca/ressources/bibliotheque/dictionnaires/index_lex-voc.html)

Nelas, escolha um glossário de termos. Procure estabelecer, a partir dos dados apresentados, sua proposta:

1. Quais são sua área e temática?
2. Qual é a finalidade do glossário?
3. Pode-se inferir dados sobre o *corpus*? Que tipos e gêneros textuais ele contém?
4. Como classificá-lo quanto ao tipo (monolíngue, bilíngue, multilíngue etc.)?
5. Que profissionais foram necessários para sua elaboração?
6. Quais os usuários previstos?
7. O produto explicita sua organização?
8. A oferta final de informação atende às necessidades do usuário previsto?

## PARA SABER MAIS

BEVILACQUA, Cleci R. Investigación Sistemática en Terminología. In: ÁLVAREZ CATALÁ, Sara; BARITÉ, Mari. (org.). *Teoría y praxis en Terminología*. Montevideo: Ediciones Universitarias; Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 69-90. v. 1.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José B. *Introdução à Terminologia: teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.



## Referências

ALUÍSIO, Sandra M.; ALMEIDA, Glades M. B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. *Calidoscópico*, v. 4, n. 3, p. 156-178, 2006.

ALVES, Ieda M. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 77-100. v. II.

ARCOS, Manuela; BEVILACQUA, Cleci R. UFE eventivas na área da conservação e restauração de bens culturais móveis em suporte papel: identificação e análise. *Debate Terminológico*, [Porto Alegre], n. 18, p. 4-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/98700>. Acesso em: 17 set. 2021.

ARCOS, Manuela; BEVILACQUA, Cleci R. Metodologias para a extração e identificação de unidades fraseológicas especializadas eventivas em *corpora* textuais. *Guavira Letras*, v. 27, p. 75-95, 2018. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/714> . Acesso em: 17 set. 2021.

BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies. An overview and suggestions for future research. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

BAKER, Mona. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, Mona; FRANCIS, Gill; TOGNINI-BONELLI, Elena (org.). *Text and Technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BERBER SARDINHA, Tony. Histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BEVILACQUA, Cleci R. Fraseologia Especializada: panorama das pesquisas realizadas no Brasil. In: SILVA, Suzete (org.). *Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 41-66. v. 2.

BEVILACQUA, C. R. Investigación Sistemática en Terminología. In: ÁLVAREZ CATALÁ, Sara; BARITÉ, Mario (org.). *Teoría y praxis en Terminología*. Montevideo:

Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 69-90. v. 1.

BEVILACQUA, Cleci R. *Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar*. Tese (Doutorado). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2004.

BEVILACQUA, Cleci R. Terminologia mono/bi/multilíngue: algumas propostas e reflexões referentes às unidades fraseológicas especializadas. *TradTerm*, n. 8, p. 135-147, 2002.

BEVILACQUA, Cleci R. *A fraseología jurídico-ambiental*. 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 1996.

BEVILACQUA, Cleci R.; FINATTO, Maria José B.; REUILLARD, Patrícia C. R. Glossário de gestão ambiental: estabelecimento de equivalentes em alemão, espanhol e francês. *Tradução & comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, n. 19, p. 61-72, 2009.

BEVILACQUA, Cleci R.; MACIEL, Anna Maria B. A variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas especializadas: descrição e tratamento. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. M. (org.). *As Ciências do Léxico*, Campo Grande: Ed. UFSM, 2018. p. 273-290. v. VIII.

BEVILACQUA, Cleci R. *et al.* Combinatórias léxicas especializadas da linguagem legislativa: uma abordagem orientada pelo *corpus*. In: MURAKAWA, Clotilde; NADIN, Odair Luiz (ed.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 227-243.

BEVILACQUA, Cleci R. *et al.* Acervo Termisul: implantação das bases textuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA (ABRALIN), 7, 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 815-824. 2009.

BIBER, Douglas. Representativeness in corpus design. *Literary and Linguistic Computing*, v. 5, n. 4, p. 243-257, 1993.

BOJANOSKI, Silvana F. *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação*. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPEL, 2018.

BOJANOSKI, Silvana F.; MICHELON, Francisca; BEVILACQUA, Cleci Regina. Criação do *corpus* para um estudo terminológico da área da conservação e restauração de bens culturais. *Debate Terminológico*, n. 17, p. 33-45, 2017.

BOURIGAULT, Didier; SLODZIAN, Monique. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, n. 19, déc. 1998-juin. 1999.

CABRÉ, María Teresa. *Terminología: representación y comunicación*. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra; Instituto Universitario de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, María Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CHICHORRO, Caroline L. C. M. *Terminologia do Licenciamento Ambiental em português e inglês*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

CHURCH, Kenneth W.; HANKS, Patrick. Word Association Norms, Mutual Information, and Lexicography. *Computational Linguistics*, n. 16, p. 22-29, 1990.

DIKI-KIDIRI, Marcel. Eléments de terminologie culturelle. *Cahiers du Rifal*, v. 26, 2007.

FABER, Pamela; MÁRQUEZ, Carlos; VEGA, Miguel. Framing Terminology: A Process-Oriented Approach. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 4, 2005. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/meta/2005-v50-n4-meta1024/019916ar.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 2, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2>. Acesso em: 8 abr. 2022.

FINATTO, Maria José B. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 197-222, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2351> Acesso em: 18 abr. 2022.

FINATTO, Maria José B. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida

N.; KRIEGER, Maria da G. (org.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004. v. II.

FINATTO, Maria José. B. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2001.

FISH, Stanley E. *Is There a Text in This Class?: The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1980.

FROMM, Guilherme *et al.* Wordsmith Tools e Sketch Engine: um estudo analítico-comparativo para pesquisas científicas com uso de corpora. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 1.101-1.248, 2020.

GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/issue/view/34/showToc>. Acesso em: 7 jun. 2022.

KILIAN, Cristiane K. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007.

KILIAN, Cristiane K.; LOGUERCIO, Sandra D. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. *Tradterm*, n. 26, p. 241-267, 2015.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminografia: entre teoria e aplicações. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. M. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2018. p. 329-346. v. VIII.

KRIEGER, Maria da Graça. Porque Lexicografia e Terminologia: relações textuais. In: ENCONTRO DO CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 8., 2008. *Anais...* Pelotas: Educat, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça. *Terminologias em construção: procedimentos metodológicos*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN (Associação Brasileira

de Estudos Canadenses), 8., 2005. *Anais...* Gramado, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/files/file112160.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, p. 327-339. v. II.

KRIEGER, Maria da Graça. Sobre Terminologia e seus objetos. In: LIMA, Marília; RAMOS, Patrícia C. (org.). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto, Alegre: NEC, IL, UFRGS/Abecan, 2001. p. 45-53.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. *DELTA*, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia em contextos integradores: funcionalidade e fundamentos. *Organon*, v. 12, n. 26, p. 19-31, 1998.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José B. *Introdução à Terminologia: Teoria & Prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; FINATTO, Maria José Bocorny. Terminografia das leis do meio ambiente: princípios teórico-metodológicos. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (org.). *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001. p. 317-335.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Dicionário de Direito Ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Glossário de gestão ambiental*. Barueri, SP: Disal, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Dicionário de direito ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

LAZZARIN, Renan. *AGROTÓXICO E PFLANZENSCHUTZMITTEL: estudo exploratório da variação terminológica e proposição de equivalentes tradutórios no par de línguas português-alemão*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Letras – Tradutor Português e Alemão) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178858>. Acesso em: 22 ago. 2023.

LEECH, Geoffrey Corpora. In: MALMKJAER, Kirsten (ed.). *The Linguistics Encyclopedia*. London: Routledge, 1991. p. 73-80.

LOGUERCIO, Sandra D. A linguagem comum do artigo científico em português brasileiro: um estudo baseado em corpus. *ANTARES*, v. 12, n. 25, p. 140-164, jan./abr. 2020.

LOGUERCIO, Sandra D. Entre buscar contribuir e la contribution: a modalização em resumos científicos em português/francês. *Linguagem & Ensino*, v. 22, n. 3, p. 881-995, jul./set. 2019.

LOGUERCIO, Sandra D.; KILIAN, Cristiane K. Fraseologias de gênero de resumos de artigos científicos (português, alemão e francês). In: Claudia Zavaglia; Angélica Karim Garcia Simão. (Org.). *Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos*. 1ed. São José do Rio Preto (SP): UNESP/IBILCE, 2017, v., p. 94-108.

MACIEL, Anna Maria B. Reflexão sobre a pesquisa terminológica em corpus. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 21, São Paulo. *Domínios do Saber: História, Instituições, Práticas*, 2006. Disponível em: [https://silo.tips/queue/xxi-encontro-nacional-da-anpoll-associao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em?&queue\\_id=-1&v=1654593928&u=MmEwMTo0YjAwOjg0NGQ6YWlWMDo5YzM3OmVlZjplNzMxOmE3ZmM=](https://silo.tips/queue/xxi-encontro-nacional-da-anpoll-associao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em?&queue_id=-1&v=1654593928&u=MmEwMTo0YjAwOjg0NGQ6YWlWMDo5YzM3OmVlZjplNzMxOmE3ZmM=). Acesso em: 7 jun. 2022.

MACIEL, Anna Maria B. *Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2001.

MACIEL, Anna M.; BEVILACQUA, Cleci R. A fraseologia da legislação do Direito Ambiental em línguas e sistemas jurídicos distintos. In: ZAVAGLIA, Claudia; SIMÃO, Angélica (org.). *Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparemiológicos*. São José do Rio Preto: Unesp, 2017. p. 46-56.

MACIEL, Anna Maria B.; REUILLARD, Patrícia C. R. Abordagem da variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas. *Tradterm*, São Paulo, v. 26, p. 223-240, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p223-240>. Acesso em: 12 out. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MCENERY, Tony; HARDIE, Andrew. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

NORD, Christiane. *Traducir, una actividad con propósito*. Introducción a los enfoques funcionalistas. Berlim: Frank & Timme GmbH, 2018.

NORD, Christiane. Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, p. 9-24, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar*. 1990. Disponível em: [http://www.unbciencia.unb.br/images/Noticias/2019/12-Dez/Convencao\\_das\\_Nacoes\\_Unidas\\_sobre\\_Direito\\_do\\_Mar\\_Montego\\_Bay.pdf](http://www.unbciencia.unb.br/images/Noticias/2019/12-Dez/Convencao_das_Nacoes_Unidas_sobre_Direito_do_Mar_Montego_Bay.pdf). Acesso em: 8 jul. 2022.

REUILLARD, Patrícia C. R. Neologismos lacanianos e equivalência tradutória. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12506>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SWALES, John M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 2002[1990].

TAGNIN, Stella E. O. Glossário de linguística de corpus. In: *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2011. p. 357-361.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of Terminology description*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

TUTIN, Agnès. Autour du lexique et de la phraséologie des écrits scientifiques. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, n. 2, v. XII, p. 5-14, 2007.

## Chave de respostas das atividades propostas

### Capítulo 1 – Quando a teoria e a prática se encontram

O capítulo 1 não possui atividades por ser um capítulo teórico e que embasa os demais capítulos do livro.

### Capítulo 2 – As decisões prévias

As respostas para as atividades propostas no capítulo 2 dependem das obras selecionadas para a realização das atividades, razão pela qual não apresentamos um gabarito.

### Capítulo 3 – Constituição de *corpora*: critérios de coleta, limpeza e organização

As respostas para as atividades propostas no capítulo 3 dependem da área a ser selecionada para a construção de *corpus*, razão pela qual não apresentamos um gabarito.

### Capítulo 4 – Seleção de unidades terminológicas: estratégias de extração e princípios de identificação

**Exercício 1:** O termo definido no trecho do *Corpus* Papel é *arquivo*. Nesse fragmento, o termo apresenta uma frequência de cinco ocorrências. Além disso, o termo *arquivo* aparece acompanhado pelo verbo *definir* em três contextos definitórios, sendo eles: 1) “[...] o arquivo é definido como: um conjunto de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos (...)”, 2) “[...] o arquivo não se define pela forma dos documentos ou por sua origem, mas pela razão para que foram criados e por sua forma de acumulação orgânica” e 3) “[...] os elementos que definem os arquivos podem ser resumidos em três fatores que são abstratos [...]”.

**Exercício 2:** As UFEs formadas a partir do termo *arquivo* são do tipo colocação (nesse caso, UFE eventivas), pois estão formadas por [verbo + termo]

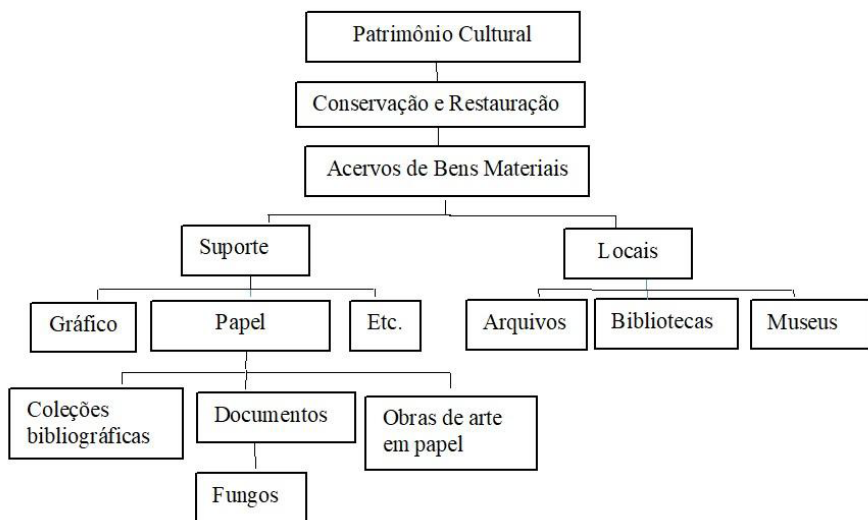


ou [nominalização + de + termo]. São elas: *abrigar arquivo, organização de arquivo, conservação de arquivo, catalogação de arquivo e microfilmagem de arquivo*.

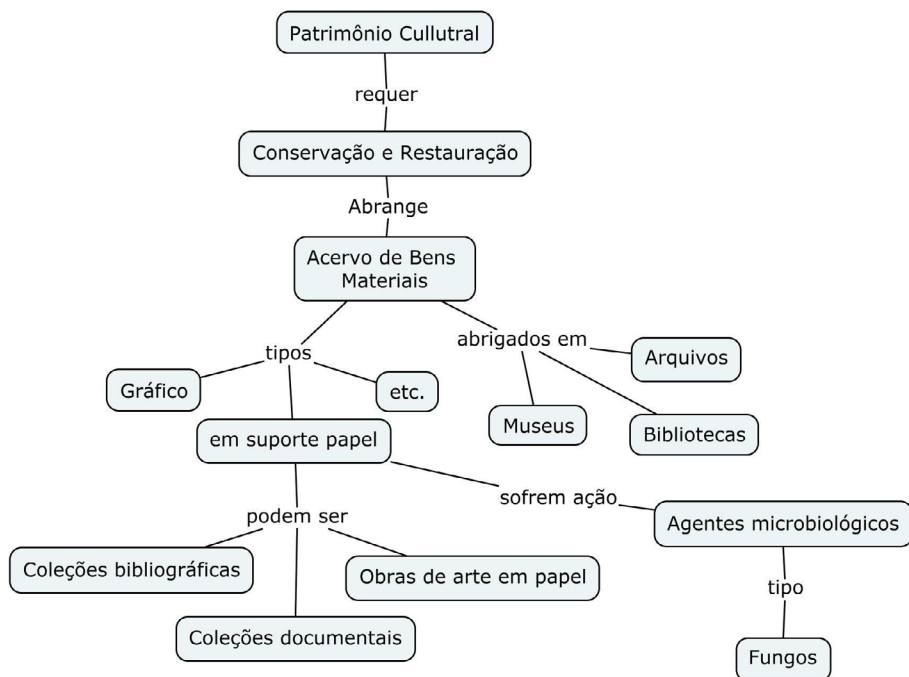
**Exercício 3:** A área de conhecimento pode ser identificada, mais amplamente, como sendo do **Patrimônio Cultural** (cf. linhas 1, 2 e 5), e mais especificamente, como a de **Conservação e Restauração**, vista na referência ao *corpus* de onde foi extraído o texto. Já o assunto abordado é **fungos em acervo de papel** (introduzido nas linhas 14 a 16 e especificado nas linhas 20, 23, 29 e 30). Isso é feito em um **artigo científico**, gênero identificado pelo registro escrito, pela estrutura textual-discursiva (texto segmentado em parágrafos que trazem contextualização da área e do tema, justificativa da pesquisa, indicação do objeto de estudo e dos objetivos etc.) e por unidades lexicais e fraseológicas que remetem mais especificamente ao relato científico.

**Exercício 4:**

Sugestão de árvore de domínio



## Sugestão de mapa conceitual



**Exercício 5:** O léxico relativo ao gênero artigo científico (também chamado de léxico metacientífico) torna-se saliente no excerto a partir da linha 14, com *No presente trabalho optou-se por*, em que **trabalho** faz referência ao próprio artigo e a fórmula introduz o tema geral do estudo. Também podem ser identificadas as seguintes unidades: **orientar esta pesquisa**, **esta pesquisa pretende**, **por meio de uma investigação** (l. 26), **estudo de caso** (l. 28), [estudar] **métodos de tratamento para** (l. 29), **a pesquisa busca** (l. 30). Também podemos pensar em palavras como: **trabalho**, **pesquisa**, **investigação**, **estudo de caso**, **estudar**, **método(s)**.

**Exercício 6:** c / d / e / a / b

## Capítulo 5 – A ficha terminológica

### Exercício 1:

TERMO: água

*Língua:* português

*Contexto:* No tanque superior se dá o processo da reenfibragem, que é a passagem de uma solução de água + polpa de papel através de uma tela semipermeável onde está o documento a ser restaurado. Como resultado esperado temos o depósito da polpa nas áreas do documento onde houve perdas de material. No tanque inferior armazena-se a água após o processo de reenfibragem que, por ser deionizada e trafilada, é de custo elevado, portanto não deve ser desperdiçada. (ptPP023)

*Ver também:*

água quente

água deionizada

água destilada

água desmineralizada

*Equivalente(s) em Inglês:*

water 2

*Equivalente(s) em Espanhol:*

agua 2

*Equivalente(s) em Francês:*

eau 2

*Equivalente(s) em Italiano:*

acqua 2

*Equivalente(s) em Russo:*

вода 2 [voda]

**Exercício 2:** Como explicado no capítulo, a ficha vai variar de acordo com os diversos fatores envolvidos. Lembre-se de que ela costuma ter Entrada; Categoria gramatical, Gênero e Número; Fonte da entrada; Definição; Fonte da definição; Contexto; Fonte do contexto; Remissivas; Equivalentes; e Notas.

**Exercício 3:** ver respostas do exercício 1.

## Capítulo 6 – Busca e identificação de equivalentes em línguas estrangeiras

### Exercício 1:

Língua	Termo	Equivalente
Espanhol	cartão alcalino	cartón libre de ácido
Francês	envelhecimento do papel	vieillessement du papier
Inglês	atmosfera anóxica	anoxic atmosphere
Italiano	banho aquoso	lavaggio acquoso
Russo	solubilidade de tintas	водное растворение чернил [vodnoe rastvorienie tchernil]

Para identificar os equivalentes das atividades 2 e 3, você pode consultar as bases do grupo Termisul disponíveis em [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br) ou outras fontes confiáveis de consulta, como *sites* de universidades, de outros grupos de pesquisa e o portal de periódicos da Capes, por exemplo.